

ATIVISMO CLIMÁTICO E EDUCAÇÃO

Estudo sobre o perfil do ativista
climático brasileiro e o impacto da
educação em sua formação.



Ativismo e Educação Climática: Estudo sobre o perfil do ativista climático brasileiro e o impacto da educação em sua formação.

Preparado por: The Climate Reality Project Brasil.

Autoria: Luan Werneck, Thalison Correa, Renata Moraes e Naiara Santos.

Como citar esse documento:

Werneck, L; Correa, T. B. C; Moraes, R; Santos, N. O. *Ativismo e Educação Climática: Estudo sobre o perfil do ativista climático brasileiro e o impacto da educação em sua formação.* The Climate Reality Project Brasil. Rio de Janeiro, 2024.

Aviso legal:

Esta publicação pode ser reproduzida para fins educacionais ou para fins não lucrativos, desde que seja feita referência à fonte. A reutilização de quaisquer figuras está sujeita à permissão dos detentores dos direitos originais. Nenhum uso desta publicação pode ser feito para revenda ou qualquer outro propósito comercial sem a permissão por escrito do Centro Brasil no Clima. O conteúdo deste relatório não reflete necessariamente as opiniões ou políticas do The Climate Reality Project Brasil, organizações contribuintes ou editores.

Agradecimentos:

Esse relatório é um resultado da coleta de dados realizada na pesquisa “Ativismo e Educação Climática” realizada pela equipe do The Climate Reality Project Brasil. Agradecemos a todos os ativistas que participaram da pesquisa e aos voluntários que ajudaram em sua realização.

SUMÁRIO

Lista de figuras.....	3
Lista de Quadro.....	4
1. Introdução.....	5
2. Metodologia.....	6
2.1 Amostra.....	6
3. Resultados.....	7
3.1 Perfil Social dos ativistas climáticos.....	7
3.1.1 Faixa Etária.....	7
3.1.2 Localização Geográfica.....	8
3.1.3 Comunidades na Linha de Frente.....	9
3.2 Ativismo Climático: Início da Jornada.....	10
3.3 Formas de realização do ativismo climático.....	12
3.4 Motivações para realizar o ativismo climático.....	13
3.5 Maiores impactos das mudanças climáticas.....	15
3.6 Educação Climática.....	17
3.6.1 Tipo de escola frequentada pelos ativistas.....	17
3.6.2 Participação dos ativistas em aulas sobre mudanças climáticas.....	19
3.7 O sonho dos ativistas para a educação climática.....	24
3.8 O sonho dos ativistas climáticos para o mundo.....	27
4. Considerações finais.....	31
5. Referências bibliográficas.....	32
6. Sobre o The Climate Reality Project Brasil.....	33

Lista de Figuras

Figura 1 – Distribuição de faixa etária dos ativistas climáticos que responderam ao questionário.....	8
Figura 2 – Motivações pelas quais os respondentes iniciaram a jornada no ativismo climático.....	11
Figura 3 – Formas como os respondentes realizam seu ativismo climático.....	13
Figura 4 – As motivações dos respondentes para realizarem o ativismo climático.....	14
Figura 5 – Percepção dos ativistas respondentes sobre o que consideram ser o maior impacto das mudanças climáticas.....	16
Figura 6 – Tipo de escola frequentada pelos ativistas respondentes à pesquisa.....	19
Figura 7 – Participação dos ativistas respondentes em aulas sobre mudanças climáticas na rede formal de educação.....	20
Figura 8 – Dados sobre o tipo de escola que os ativistas respondentes frequentaram e se tiveram aulas sobre mudanças climáticas.....	21
Figura 9 – Relação entre a faixa etária dos ativistas respondentes com o tipo de escola frequentada (pública, privada ou ambas) e se eles tiveram aulas sobre mudanças climáticas.....	23

Lista de Quadros

Quadro 1 – Sonho dos ativistas para a educação climática no Brasil.....	26
Quadro 2 – Sonho dos ativistas para o mundo.....	29

1. Introdução

Em uma era de mudanças climáticas aceleradas e desafios ambientais crescentes, compreender quem são os indivíduos que estão na linha de frente dessa luta é crucial. O Brasil, um país de imensa diversidade biológica e cultural, enfrenta desafios ambientais únicos, tornando a análise do ativismo climático no contexto brasileiro particularmente relevante.

Ao longo da história, o Brasil tem se destacado como pioneiro no movimento socioambiental global. Figuras icônicas como Chico Mendes, Alfredo Sirkis e Marina Silva, juntamente com comunidades tradicionais, têm liderado a agenda socioambiental e climática, ocupando espaços de poder por décadas. Essa luta histórica tem sido fundamental na formação de gerações de coletivos, indivíduos, movimentos sociais e organizações que estão na vanguarda dessas questões em território nacional. Diante desse contexto, a crescente presença de ativistas ambientais e climáticos brasileiros em fóruns internacionais, como a Conferência das Partes (COP), evidencia a necessidade de compreender o perfil diversificado desses ativistas, provenientes de diferentes gerações, origens e realidades, que dedicam suas vidas à causa socioambiental.

Esses ativistas atuam nas ruas, nos poderes da república, no sistema das Nações Unidas, em empresas, organizações não governamentais e institutos, tornando suas ações parte integrante da luta socioambiental, com o objetivo de gerar um impacto direto através de políticas climáticas imediatas. Este relatório, portanto, representa uma ferramenta valiosa para todos os interessados na dinâmica do ativismo climático no Brasil, desde formuladores de políticas e organizações ambientais até acadêmicos e ativistas. Por meio deste documento, almejamos fornecer insights que possam servir como base para ações eficazes e informadas, contribuindo assim para os esforços contínuos na construção de um futuro mais sustentável.

2. Metodologia

Para realização do estudo, foi conduzida a pesquisa “Ativismo e Educação Climática no Brasil” por meio de um formulário eletrônico criado durante a Conferência das Partes (COP), tendo como público-alvo indivíduos que se identificam como ativistas climáticos e que estavam presentes no evento. A coleta de dados ocorreu ao longo do primeiro semestre de 2023. A pesquisa também foi enviada para diferentes movimentos sociais, coletivos e organizações não-governamentais da área socioambiental e climática. Esta metodologia permitiu não apenas alcançar um grupo diversificado de respondentes, mas também capturar as perspectivas daqueles diretamente envolvidos nas discussões e decisões sobre o clima em um contexto global.

A pesquisa é separada em quatro partes: 1) Informações pessoais dos participantes. 2) Sessão de ativismo, composta de 4 perguntas relativas ao perfil do ativismo dos participantes. 3) Seção de Educação Climática, com 3 perguntas sobre a percepção sobre a temática dos participantes. 4) Seção final, com 3 perguntas de finalização da pesquisa sobre percepções dos participantes sobre meio ambiente e mudanças climáticas.

2.1 Amostra

Recebemos um total de 150 respostas, com elevada abrangência de faixa etária e geográfica, o que proporcionou uma base de dados rica e variada para análise. A pesquisa apresentou principalmente um enfoque qualitativo, sendo estruturada para abranger uma ampla gama de variáveis, incluindo motivações, métodos de ativismo e percepções sobre as questões climáticas. Desta forma, a pesquisa se preocupou mais em compreender os aspectos de dinâmicas sociais e de realidade dos entrevistados. Esta abordagem teve como objetivo entender não apenas as características individuais dos ativistas, mas também o contexto mais amplo em que atuam, abarcando suas inspirações, desafios e aspirações.

A análise de conteúdo do questionário foi realizada de forma a reunir as respostas dos ativistas para criar categorias, agrupando-as em ideias e temas centrais (Knott, E., Rao, A.H., Summers, K. *et al.*, 2022). Com a coleta e análise desses dados, este estudo oferece um panorama atualizado do ativismo climático no Brasil. É uma investigação abrangente que busca entender as nuances e a diversidade do movimento climático brasileiro, bem como os fatores que motivam e desafiam aqueles que estão na linha de frente dessa luta crucial.

3. Resultados

3.1 Perfil social dos ativista climáticos

Para compreender os principais resultados encontrados neste relatório, é necessário ter ciência da diversidade de ativistas participantes na entrevista, e os diferentes grupos sociais, regiões geográficas e gerações que esses representam. Ao todo foram recebidas 150 respostas de ativistas brasileiros e também foram coletados relacionados a faixa etária, estado e caso sejam parte de alguma comunidade de linha de frente. Abaixo encontram-se os principais dados encontrados.

3.1.1 Faixa Etária

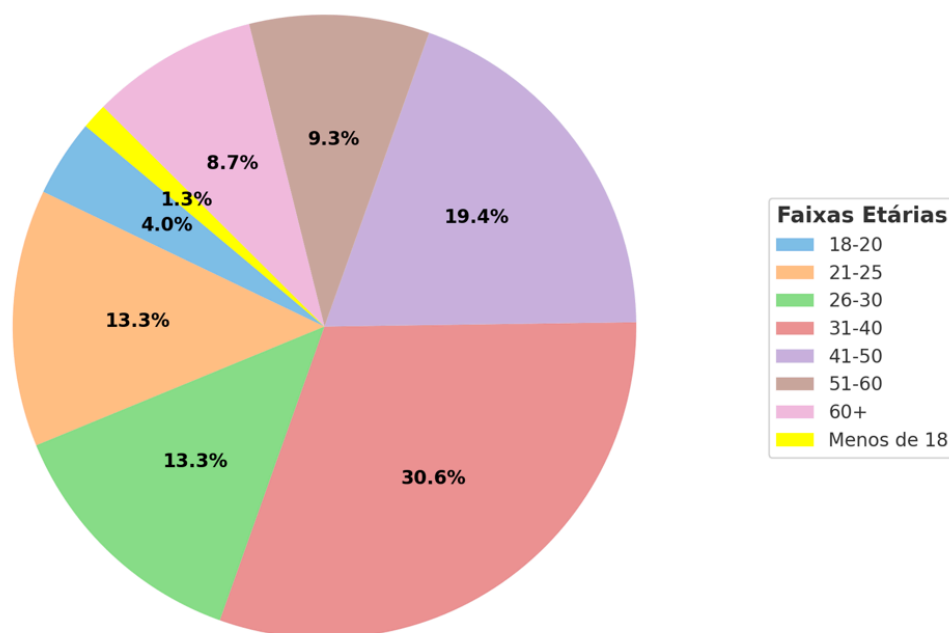
Para entender melhor os resultados deste relatório, é crucial reconhecer a diversidade dos ativistas climáticos entrevistados, que vêm de distintos estratos sociais, regiões geográficas e gerações. O gráfico sobre a distribuição etária dos ativistas climáticos no Brasil (Figura 1) mostra uma significativa presença de adultos engajados na causa ambiental. A maior parte, 30,6%, está na faixa etária de 31 a 40 anos, seguida por 19,4% entre 41 a 50 anos. Esse espectro amplo de idades envolvidas no ativismo ambiental demonstra um compromisso transgeracional com a causa, refletindo um interesse coletivo sobre os desafios climáticos.

É igualmente notável o envolvimento dos indivíduos de 26 a 30 anos, que compõem 13,3% dos respondentes, um número que iguala a participação do grupo na faixa de 21 a 25 anos. A igualdade na representação destes grupos destaca uma tendência relevante no envolvimento dos jovens adultos. O engajamento dos mais jovens, representados por 4% entre 18 a 20 anos e 1,3% de menores de 18 anos, aponta para uma conscientização precoce e ação entre os adolescentes em questões ambientais. A paridade entre esses grupos sugere um amplo espectro de idades no ativismo climático, indicando que o compromisso com a causa ambiental transcende a idade.

Os ativistas na faixa de 51 a 60 anos representam 9,3% do total, refutando a noção de que o ativismo climático seja exclusivamente um domínio dos mais jovens. Notavelmente, 8,7% dos participantes têm mais de 60 anos, destacando a inclusão de idades mais avançadas e reforçando que a preocupação com as questões climáticas abrange todas as gerações.

Em resumo, o espectro etário dos ativistas climáticos no Brasil desenha um movimento vibrante e diverso, liderado principalmente pela faixa etária de 31 a 40 anos, mas com contribuições importantes de todas as idades. Este cenário reflete um compromisso coletivo com a sustentabilidade ambiental e a justiça climática, demonstrando uma união intergeracional em face da urgência das questões climáticas. Essa diversidade etária pode contribuir para ações em prol do fortalecimento do ativismo, promovendo uma abordagem mais inclusiva para enfrentar as atuais questões climáticas.

Figura 1 - Distribuição de faixa etária dos ativistas climáticos que responderam ao questionário.



Fonte: Elaboração própria.

3.1.2 Localização Geográfica

Os dados sobre a distribuição geográfica dos ativistas é essencial para entendermos a atuação destes de acordo com suas especificidades regionais e também para fornecer insights importantes de como fortalecer a rede de ativismo climático em determinadas regiões pelo país.

A região Sudeste foi representada com 63,51% de ativistas (nos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais), indicando uma clara predominância de participantes no ativismo climático, principalmente nos estados de São Paulo (31,08%) e Rio de Janeiro (22,97%). Este cenário não surpreende, considerando que a região Sudeste é a mais populosa do país e abriga os maiores centros urbanos, sendo frequentemente espaço para debates nacionais sobre as questões climáticas.

Apesar de ser a região menos populosa do país, a região Norte é representada por 16,9% dos ativistas, concentrados nos estados do Pará, Acre, Amazonas e Tocantins. Isto pode ser parcialmente atribuído a esta região estar na linha de frente das discussões globais sobre mudanças climáticas e a outras questões desafiadoras que a população da região enfrenta. A região Nordeste, com 16,22% dos respondentes, localizados nos estados do Maranhão, Bahia, Ceará, Pernambuco, Sergipe, Rio Grande do Norte e Piauí, também mostra um envolvimento significativo no ativismo climático.

A região Sul, representada por 10,14% dos respondentes concentrados nos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul e a região Centro-Oeste, com a participação de 3,38% dos ativistas climáticos dos estados do Mato Grosso e Distrito Federal, reiteram a heterogênea distribuição geográfica dos ativistas climáticos pelo país.

Este mapeamento nos mostra que o ativismo e a mobilização ambiental tem sido ampliados e mais diversificados territorialmente, principalmente em relação à algumas regiões (como a região Norte por exemplo), quando comparado ao panorama de cerca de 10 anos atrás (Orlandini, 2012). Assim, estes dados não só refletem a dinâmica socioeconômica do país, mas também sua distribuição populacional e a preocupação e engajamento com a causa climática. Além disso, essa distribuição geográfica nos ressalta a importância de abordagens de conscientização e ativismo climático mais contextualizadas, de forma que levem em consideração as especificidades regionais.

3.1.3 Comunidades de Linha de Frente

Para entender a amplitude do estudo, é crucial considerar a variedade das origens culturais e sociais dos participantes. Com esse objetivo, os classificamos com base na expressão "Comunidades de Linha de Frente", um termo bastante difundido nos campos socioambiental e climático, referindo-se às comunidades que enfrentam ou enfrentarão os efeitos mais diretos e graves da crise climática. A classificação foi realizada através da autoidentificação de cada participante respondente da pesquisa.

No total, 64 indivíduos se identificaram como pertencentes a uma ou mais dessas comunidades de linha de frente, evidenciando a diversidade socioeconômica e cultural presente. Entre as informações coletadas destacam aspectos significativos dos participantes da pesquisa:

- Família de Baixa Renda: 24 respostas
- Comunidades Periféricas e famílias de baixa renda: 22 respostas
- Comunidade Negra: 16 respostas
- Comunidade LGBTQIA+: 25 respostas
- Pessoas com Deficiência: 2 respostas
- Povos Tradicionais: 14 respostas

Estes números revelam dois aspectos principais. Primeiramente, observa-se uma inclinação das pessoas oriundas de comunidades mais vulneráveis às mudanças climáticas para engajar-se e desenvolver uma sensibilidade em relação às questões socioambientais e climáticas, um tema que será explorado com mais profundidade no decorrer do estudo. Já em um segundo ponto, é fundamental reconhecer as limitações do estudo em alcançar uma amostra mais ampla de indivíduos de comunidades de linha de frente, dado que a pesquisa foi conduzida por meio dos canais de comunicação do The Climate Reality Project Brasil e sua equipe, o que impõe restrições no acesso a certos grupos e regiões do Brasil.

3.2 Ativismo Climático: Início da Jornada

Analisando as **motivações pelas quais os indivíduos iniciaram a jornada no ativismo climático** (Figura 2), temos um espectro diversificado de influências, cada uma refletindo diferentes aspectos da experiência humana e da consciência social. A categoria predominante é a "Conscientização e Ativismo Político", que corresponde a 22,01% das respostas, sugerindo que uma significativa parcela dos ativistas foi impulsionada pela compreensão das questões políticas intrinsecamente ligadas às mudanças climáticas. Isso reflete um reconhecimento da importância da ação e da responsabilidade coletiva na esfera pública, bem como a percepção de que as políticas governamentais desempenham um papel crucial na mitigação dos impactos ambientais.

A segunda maior influência vem de "Influências da Educação e Academia", representando 18,87%. Isso mostra que o ambiente educacional e acadêmico é um campo fértil para o

despertar da consciência climática, ressaltando a importância da educação como ferramenta para a compreensão e o enfrentamento das questões climáticas.

"Atuação Profissional e Voluntariado", com 15,72%, indicou que a experiência profissional ou o envolvimento em atividades de voluntariado têm um papel significativo em inspirar pessoas a se tornarem ativistas climáticos. Isso pode estar relacionado ao contato direto com os efeitos das mudanças climáticas ou com populações vulneráveis, fomentando um sentido de urgência e a necessidade de ação imediata.

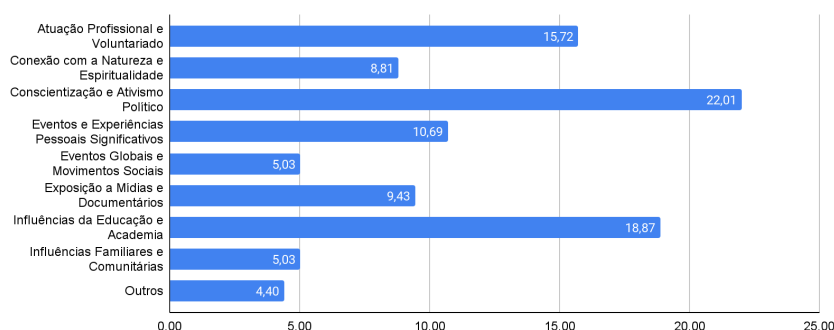
"Eventos e Experiências Pessoais Significativos" e "Exposição a Mídias e Documentários", com 10,69% e 9,43% respectivamente, ressaltam o poder das narrativas pessoais e da mídia na formação da consciência ambiental. A experiência direta com eventos climáticos extremos ou a exposição a documentários que retratam as questões climáticas e ambientais podem ser poderosos catalisadores para a ação.

As categorias "Conexão com a Natureza e Espiritualidade" e "Influências Familiares e Comunitárias", cada uma com 8,81% e 5,03%, respectivamente, apontam para a importância dos valores pessoais e da comunidade na formação de ativistas climáticos. O reconhecimento da interconexão entre o indivíduo, a comunidade e o ambiente natural é um componente vital na motivação para o ativismo.

Eventos globais e movimentos sociais, bem como outras influências, completam o quadro, mostrando que, embora menos predominantes, fatores como a participação em eventos na temática ambiental e a influência de grupos sociais continuam sendo partes importantes do conjunto de motivações para o ativismo climático.

Os dados obtidos neste estudo mostram a diversidade de motivações que levaram os respondentes a iniciar sua jornada no ativismo, destacando assim a complexidade do ativismo climático e sublinhando que não existe um único caminho ou catalisador para a ação. A multiplicidade de influências reforça a ideia de que a crise climática é uma questão multifacetada que exige uma abordagem holística e inclusiva para a mobilização efetiva.

Figura 2 - Motivações pelas quais os respondentes iniciaram a jornada no ativismo climático.



3.3 Formas de realização do ativismo climático

Com relação a pergunta "**Como você realiza seu ativismo climático?**" temos uma gama rica de abordagens e estratégias. Como apresentado na Figura 3, a predominância da comunicação, com 27,33%, não é surpreendente, considerando a era digital em que vivemos. Esta preferência destaca um reconhecimento tácito da importância da sensibilização e da disseminação de informações sobre as mudanças climáticas, uma tarefa que é beneficiada enormemente pelas plataformas digitais e redes sociais.

No entanto, o que chama a atenção é a preferência significativa por métodos que envolvem ação direta, como o voluntariado em ONGs e a educação ambiental e climática, com 15,33% e 14,67%, respectivamente. Estas abordagens sugerem um desejo de envolvimento mais tangível e prático, refletindo talvez uma frustração com a lentidão da mudança política ou uma crença na eficácia do "fazer" em vez do "falar".

Os projetos e iniciativas pessoais, com 11,33%, apontam para um ativismo mais autônomo, indicando que há um espaço significativo para a inovação individual e a ação local. Por outro lado, o advocacy, com 9,33%, embora menos popular, é crucial para influenciar as políticas públicas e as decisões governamentais, uma tarefa árdua mas essencial para mudanças sistêmicas.

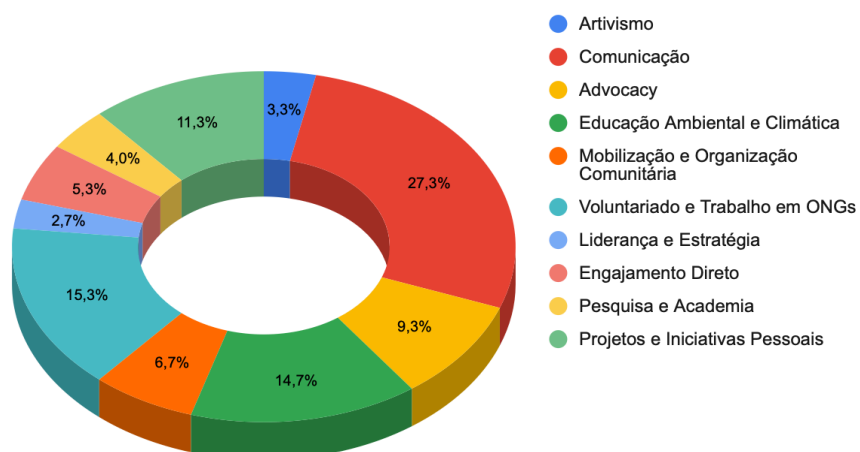
Abordagens como mobilização e organização comunitária (6,7%), engajamento direto (5,3%) e pesquisa e academia (4%), embora menos prevalentes, são vitais para a luta contra as mudanças climáticas. Estas abordagens menos comuns são inovações disruptivas e mudanças profundas na sociedade.

O ativismo e a liderança e estratégia, apesar de serem as menos representadas, com 3,33% e 2,67%, respectivamente, não devem ser subestimadas. O ativismo oferece um meio poderoso de comunicar a crise climática de maneira mais lúdica e emocional, enquanto a liderança e estratégia são fundamentais para dirigir esforços coletivos e elaborar planos de ação de longo prazo.

Em suma, os dados analisados revelam uma diversidade de métodos no ativismo climático, cada um com seu papel único e complementar. Essa variedade não apenas reflete a complexidade do desafio climático, mas também sugere que uma abordagem multifacetada é essencial para abordar a crise de maneira eficaz. É evidente que, embora algumas

abordagens sejam mais populares que outras, cada uma tem um papel vital a desempenhar no tecido mais amplo do ativismo climático.

Figura 3 - Formas como os respondentes realizam seu ativismo climático.



Fonte: Elaboração própria.

3.4 Motivações para realizar o ativismo climático

Quando perguntados sobre **as motivações para realizarem o ativismo climático**, os entrevistados revelam um espectro variado de razões que os impulsionam a se engajar nesta causa urgente (Figura 4). As motivações são diversas e demonstram como fatores emocionais, éticos e sociais se entrelaçam para formar o cerne do ativismo climático.

De maneira notável, a "Responsabilidade Intergeracional" surge como a maior motivação, com 23,94%. Esta forte inclinação reflete uma consciência sobre as implicações a longo prazo das mudanças climáticas e um senso de dever para com as futuras gerações. Esta preocupação demonstra uma perspectiva ética que transcende o imediato, enfatizando um compromisso com o futuro da humanidade e do planeta.

Por outro lado, "Esperança e Otimismo" e "Comunidade e Coletividade", cada uma com 16,90%, sugerem que muitos ativistas são movidos por uma crença na possibilidade de mudança positiva e no poder da ação coletiva. Estas motivações destacam a importância do apoio comunitário e de uma visão positiva sobre o poder do engajamento em comunidade/sociedade em prol de um futuro com melhores perspectivas socioambientais..

A "Autoeficácia e Contribuição Pessoal" e o "Compromisso com Valores e Fé", ambos com 8,45%, indicam que um número significativo de ativistas acredita firmemente na capacidade individual de fazer a diferença e na importância de alinhar ações com valores pessoais e crenças. Esta motivação é essencial para manter a persistência no ativismo climático.

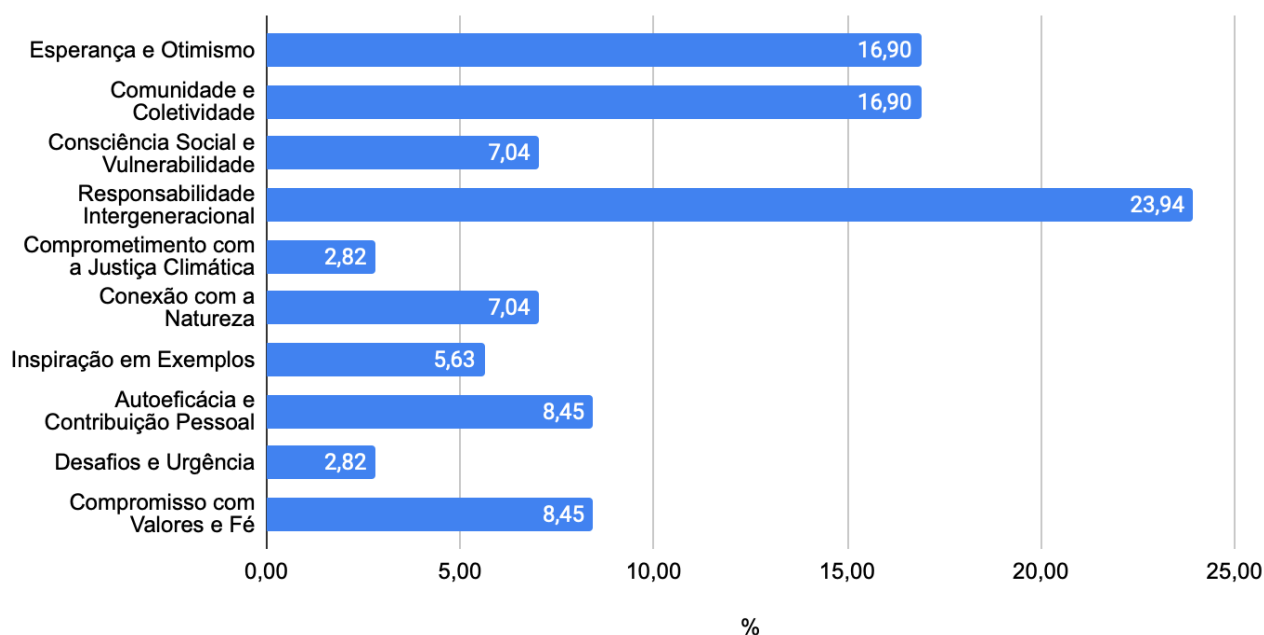
Interessante notar também que a "Consciência Social e Vulnerabilidade" e a "Conexão com a Natureza", ambas com 7,04%, refletem um entendimento da interconexão entre os seres humanos e o meio ambiente. Estes ativistas parecem ser impulsionados por uma compreensão das injustiças sociais amplificadas pelas mudanças climáticas e um profundo apreço pela natureza.

Por outro lado, a "Inspiração em Exemplos", com 5,63%, sugere que modelos de papel e histórias de sucesso são importantes para motivar algumas pessoas. Estes ativistas encontram motivação na observação de outros que já estão fazendo mudanças significativas.

Por último, é intrigante notar que o "Comprometimento com a Justiça Climática" e os "Desafios e Urgência", ambos com apenas 2,82%, não são tão predominantes quanto se poderia esperar. Isto pode indicar uma desconexão entre a percepção da crise climática e a ação direta, ou talvez uma ênfase maior em motivações positivas e proativas, em vez de uma reação ao medo ou à injustiça.

Os resultados das motivações para o ativismo climático revelam um mosaico de inspirações que variam desde a responsabilidade ética e intergeracional até um profundo senso de conexão com a comunidade e a natureza. O ativismo climático, como se vê, é alimentado por uma combinação complexa de esperança, responsabilidade social, conexão, compromisso pessoal e coletivo, cada um desempenhando um papel vital na mobilização de ações contra as mudanças climáticas.

Figura 4 - As motivações dos respondentes para realizarem o ativismo climático.



Fonte: Elaboração própria.

3.5 Maiores impactos das mudanças climáticas

Quando perguntados sobre **qual o maior impacto das mudanças climáticas** dentre uma lista de fatores previamente definidos, os respondentes da pesquisa apresentaram uma variedade de percepções, refletindo a abrangência deste fenômeno global (Figura 5).

A Biodiversidade emergiu como a principal preocupação dos ativistas, com 26,35%, destacando uma crescente consciência sobre como as mudanças climáticas estão afetando drasticamente os ecossistemas e as espécies ao redor do mundo. Esta preocupação reflete um entendimento de que a perda de biodiversidade (incluindo no Brasil) não apenas ameaça a existência de inúmeras espécies, mas também compromete os serviços ecossistêmicos vitais para a sobrevivência humana (Malecha et al, 2023).

Setores da Saúde, com 14,86%, e a Alimentação (Agricultura e Pecuária), com 13,51%, foram também reconhecidas como áreas que sofrem grande impacto pelas mudanças climáticas. Isso indica uma compreensão crescente de que as mudanças climáticas têm implicações diretas e tangíveis na vida humana, afetando a segurança alimentar e a saúde pública. A conexão entre o clima, a produção de alimentos e a nutrição, juntamente com o aumento de doenças e condições de saúde relacionadas ao clima, estão claramente no radar dos respondentes.

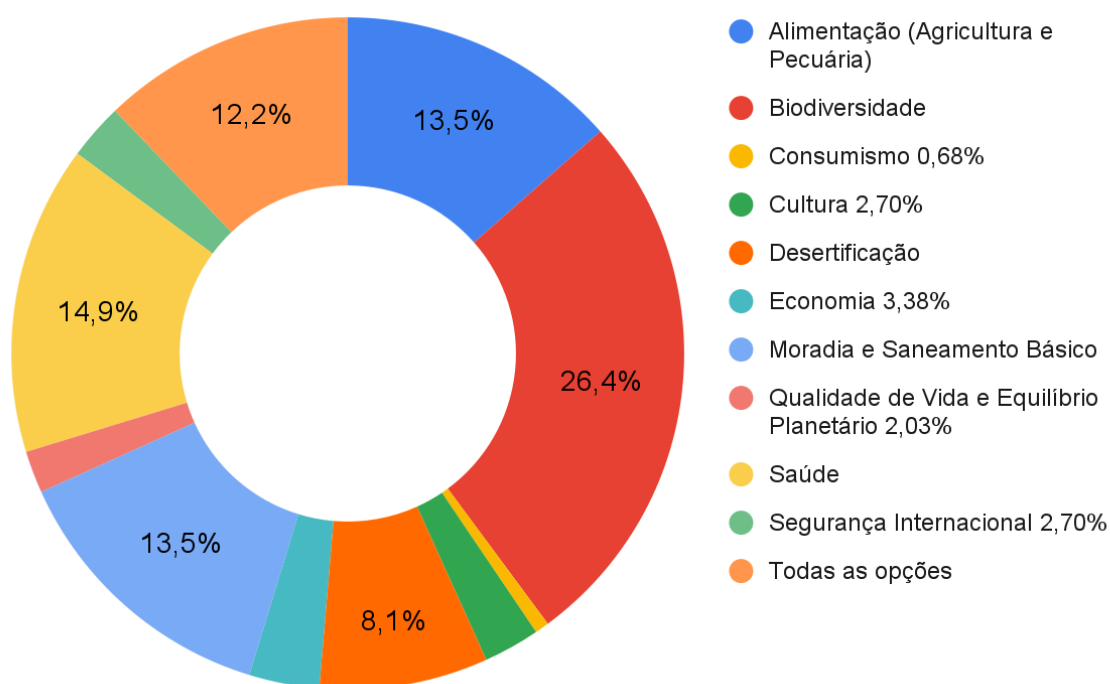
A desertificação também foi destacada, com 8,11%, ressaltando preocupações sobre a degradação do solo e a perda de terras aráveis, especialmente em regiões mais vulneráveis. Este aspecto enfatiza o impacto das mudanças climáticas na sustentabilidade dos recursos naturais e na capacidade da Terra de sustentar suas populações.

Por outro lado, aspectos como Consumismo, Cultura, Economia, Qualidade de Vida e Equilíbrio Planetário, e Segurança Internacional receberam proporções menores de preocupação. Considerando que tais aspectos estão interligados e que são críticos para a manutenção de uma sociedade sustentável (Artaxo, 2022), eles parecem ser percebidos como menos imediatos ou menos diretamente relacionados às mudanças climáticas pelos respondentes. Isso pode sugerir uma necessidade de maior conscientização sobre como as mudanças climáticas estão intrinsecamente ligadas a esses fatores e como eles influenciam e são influenciados pelo clima.

Notavelmente, 12,16% dos respondentes reconheceram que todas as opções listadas são impactadas pelas mudanças climáticas. Este reconhecimento da natureza interconectada dos impactos climáticos é crucial. Ele reflete uma compreensão de que as mudanças climáticas não são um fenômeno isolado, mas sim uma crise que permeia todos os aspectos da vida humana e do meio ambiente.

Embora exista uma consciência geral sobre os múltiplos impactos das mudanças climáticas, há variações significativas na percepção de quais são os mais críticos. Este entendimento diversificado destaca tanto a complexidade do problema quanto a necessidade de abordagens multifacetadas para combatê-lo. A ênfase na biodiversidade, saúde e alimentação sugere uma inclinação para impactos mais tangíveis e diretamente relacionados à vida humana, enquanto a relativa menor ênfase em outros aspectos aponta para possíveis lacunas na percepção pública que precisam ser abordadas em futuros esforços de educação e advocacia.

Figura 5 - Percepção dos ativistas respondentes sobre o que consideram ser o maior impacto das mudanças climáticas.



Fonte: Elaboração própria.

3.6 Educação Climática

O acesso à informação relacionada às mudanças climáticas, especialmente nos espaços de educação formal, é de suma importância para que os alunos possam desenvolver conhecimentos e habilidades para saberem como responder às mudanças climáticas por meio do pensamento crítico (Zezzo & Coltri, 2022; UNFCCC, 1992).

Neste contexto, o presente estudo sobre a educação climática entre ativistas brasileiros pode nos fornecer informações essenciais de como se dá o acesso à conteúdos relacionados às mudanças climáticas em espaços de educação formal no país. A inserção de temas relacionados ao clima no currículo escolar pode influenciar a trajetória dos indivíduos em questões ambientais. Desta forma, estes dados podem favorecer uma compreensão mais profunda sobre como as experiências educacionais moldam os agentes de mudança climática e, em particular, qual tem sido o papel das escolas no Brasil - sejam elas públicas, privadas ou uma combinação de ambas - em fomentar o conhecimento e a consciência ambiental entre os participantes.

Buscamos compreender se os ativistas foram expostos a aulas com temas voltados para as mudanças climáticas e como estas variaram entre o sistema de ensino público e privado. Além disso, analisamos a inter-relação entre a faixa etária dos ativistas, o tipo de instituição de ensino que frequentaram e a presença de conteúdos sobre mudanças climáticas.

Através dos dados coletados, traçaremos um perfil dos ativistas climáticos brasileiros, destacando não apenas suas origens educacionais, mas também como a exposição à educação climática pode ter catalisado seu engajamento nas questões ambientais críticas de nosso tempo.

3.6.1 Tipo de escola frequentada pelos ativistas

A análise dos **dados relativos ao tipo de escola frequentada pelos ativistas climáticos brasileiros** revela informações importantes sobre como a educação influencia o ativismo climático (Figura 6). Observa-se que 51,7% desses ativistas foram formados em escolas públicas, o que pode destacar o potencial papel central do sistema de educação pública na formação de conscientização ambiental entre a população. Esses valores sugerem que: (i) as escolas públicas podem ser espaços fundamentais para a formação de ativistas, e (ii) a alta porcentagem de ativistas que frequentaram a escola pública pode não indicar necessariamente que estes desenvolveram seus conhecimentos climáticos diretamente ou

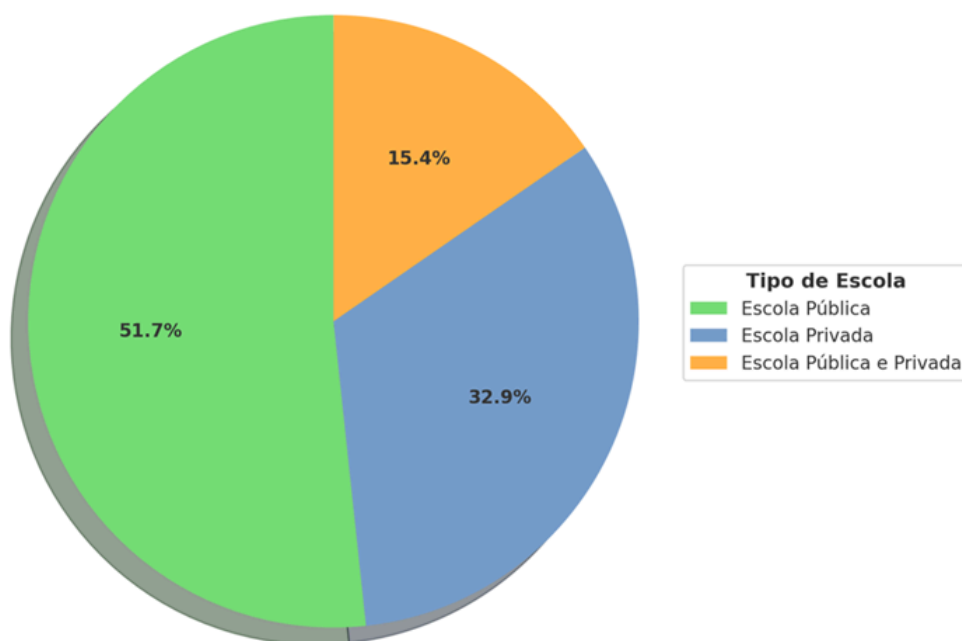
de forma integral neste espaço de educação formal, mas pode indicar um potencial das escolas públicas na abordagem da educação climática em sua grade curricular, visto o elevado número de discentes na rede pública de ensino. Assim, apesar dos desafios enfrentados pelas escolas públicas, como a limitação de recursos e infraestrutura, elas podem ser espaços fundamentais para a formação de ativistas.

Em contrapartida, 32,9% dos ativistas climáticos receberam educação em escolas privadas. Esse número significativo pode indicar que a educação privada, muitas vezes associada a recursos didáticos mais abundantes e abordagens pedagógicas inovadoras, desempenha um papel relevante na formação de ativistas. A presença de um terço dos ativistas oriundos de escolas privadas ressalta a contribuição dessas instituições na disseminação do conhecimento sobre o meio ambiente e as mudanças climáticas e na promoção do engajamento ambiental.

Adicionalmente, 15,4% dos ativistas relataram ter uma experiência educacional mista, dividida entre escolas públicas e privadas. Essa experiência híbrida pode proporcionar uma perspectiva diversificada sobre as questões climáticas, combinando diferentes abordagens e entendimentos sobre o tema. Esses ativistas, ao transitarem entre dois sistemas educacionais distintos, podem ter desenvolvido uma visão mais ampla e crítica das políticas e práticas educacionais em relação ao meio ambiente.

A interação desses dados com a realidade educacional brasileira aponta para a importância de fortalecer a educação climática em todos os ambientes de aprendizagem. O fato da maioria dos ativistas respondentes ter frequentado de forma integral a escola pública nos mostra que este espaço de educação formal tem um papel crucial na formação de pessoas. Assim, observa-se a urgência de políticas públicas que assegurem a inclusão de conteúdos sobre mudanças climáticas de forma transversal e eficaz no currículo escolar.

Figura 6 - Tipo de escola frequentada pelos ativistas respondentes à pesquisa.

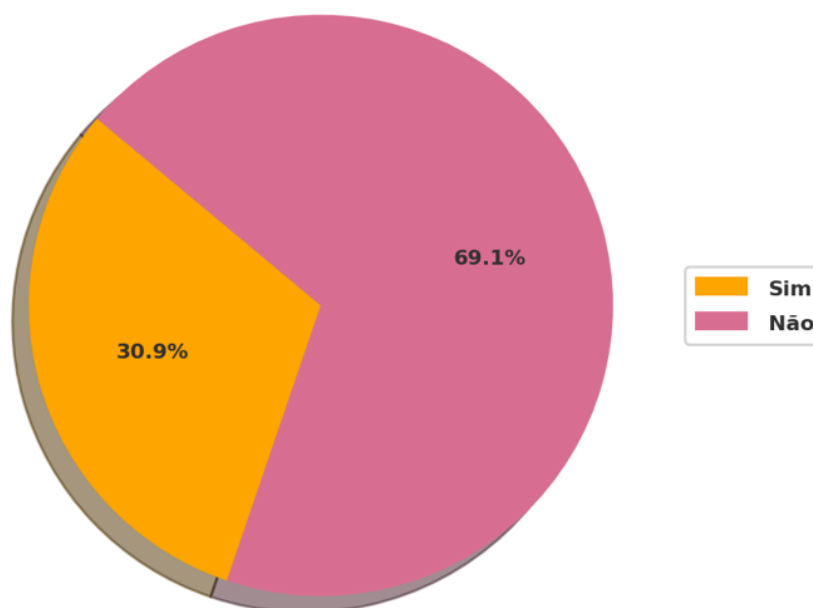


Fonte: Elaboração própria.

3.6.2 Participação dos ativistas em aulas sobre mudanças climáticas

A disparidade na **participação dos ativistas climáticos em aulas sobre mudanças climáticas** nas escolas é notável (Figura 7). Apenas 30,9% dos ativistas afirmam ter tido acesso a esse tipo de educação, enquanto 69,1% não tiveram aulas relacionadas ao tema, evidenciando uma lacuna crítica na integração da educação climática nos currículos escolares brasileiros. Este contraste é um indicativo de que, apesar da urgência global das questões climáticas, a educação formal ainda não está alinhada à priorização dessas temáticas. Conseqüentemente, a falta de educação climática robusta nas escolas pode restringir a compreensão dos alunos sobre a complexidade, os impactos e as soluções necessárias para enfrentar as mudanças climáticas. Vale também destacar que neste sentido, a educação nos espaços formais de educação teria o potencial de transcender a educação para adaptação e atenuação das mudanças climáticas, fornecendo também ferramentas e fundamentos para um engajamento ativo dos alunos (Zezzo & Coltri, 2022; Anderson A., 2012).

Figura 7 - Participação dos ativistas respondentes em aulas sobre mudanças climáticas na rede formal de educação.



Fonte: Elaboração própria.

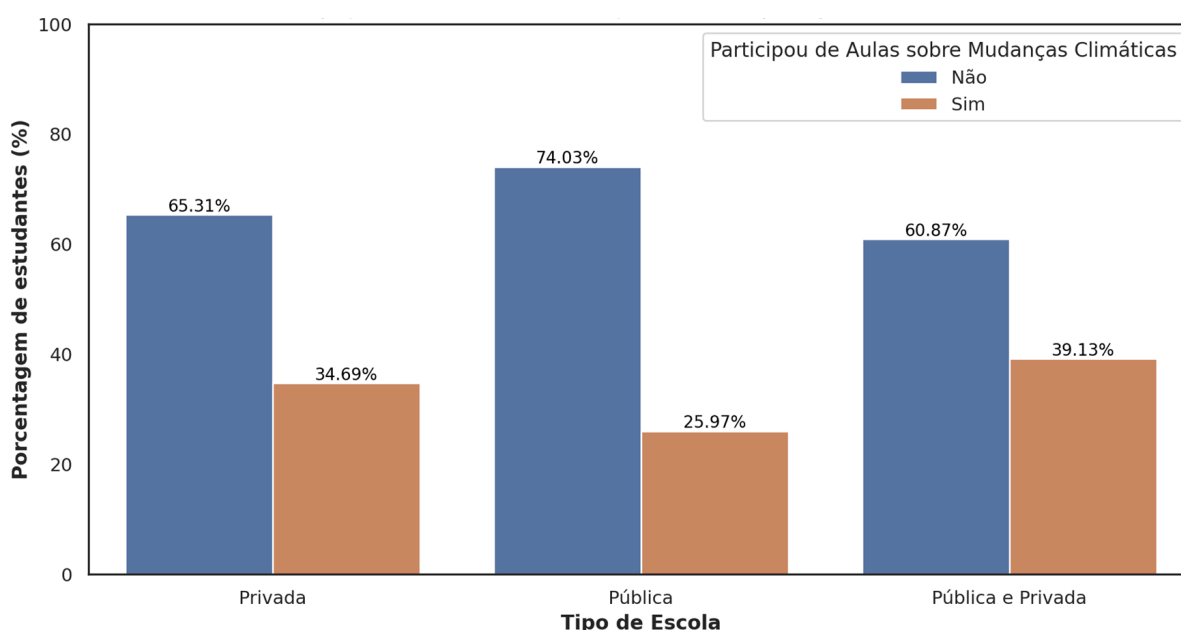
Quando relacionamos os dados sobre o tipo de escola que os ativistas frequentaram e se tiveram aulas sobre mudanças climáticas (Figura 8), estudantes de escolas privadas mostram uma maior participação em aulas sobre mudanças climáticas, com 34,69% relatando tal experiência, em contraste com apenas 25,97% dos estudantes de escolas públicas e 39,13% daqueles que tiveram experiências educacionais mistas. Isso sugere que mesmo em instituições com mais recursos e autonomia, como as escolas privadas, o ensino sobre mudanças climáticas ainda não é visto como uma prioridade. Nas escolas públicas, o cenário é ainda mais desafiador, refletindo possivelmente as dificuldades estruturais e a falta de ênfase política na incorporação da educação climática (Zezzo & Coltri, 2022).

Curiosamente, a experiência combinada de estudantes que frequentaram escolas públicas e privadas resultou em uma taxa de participação maior em aulas sobre mudanças climáticas do que para aqueles que estudaram exclusivamente em escolas públicas. Isso pode ser interpretado como um sinal de que uma abordagem educacional mista pode fornecer uma compreensão mais abrangente e integrada de questões ambientais, embora haja uma margem significativa para melhoria. Entretanto, vale ressaltar que entre os ativistas que frequentaram ambos tipos de escola, alguns relataram que parte de seus estudos em escola pública foi realizado no exterior.

Diante dessas observações, é fundamental que formuladores de políticas educacionais, administradores escolares e a sociedade em geral adotem estratégias eficazes para a implementação da educação climática em todos os tipos de escolas. Isso implica não apenas em revisar os currículos, mas também em investir na formação de educadores, na criação de materiais didáticos específicos e na implementação de projetos práticos (Barros e Pinheiro, 2021) que permitam aos alunos vivenciar e compreender os impactos e desafios das mudanças climáticas. Somente assim poderemos garantir o desenvolvimento de uma consciência ambiental profunda e o engajamento ativo das futuras gerações nos desafios ambientais que enfrentamos.

A educação, uma ferramenta poderosa para a formação de cidadãos críticos e ativos, deve ser mobilizada para preparar os alunos para um dos maiores desafios contemporâneos, assegurando que as ações para mitigar as mudanças climáticas se tornem uma realidade palpável e equitativa.

Figura 8 - Dados sobre o tipo de escola que os ativistas respondentes frequentaram e se tiveram aulas sobre mudanças climáticas.



Fonte: Elaboração própria.

Fazendo uma relação entre a faixa etária dos ativistas climáticos com o tipo de escola frequentada (pública, privada ou ambas) e se eles tiveram aulas sobre mudanças climáticas, podemos entender melhor como as experiências educacionais variam entre diferentes gerações e tipos de instituição de ensino (Figura 9).

Inicialmente, verifica-se que a participação em aulas sobre mudanças climáticas é, em geral, baixa em todas as faixas etárias, independentemente do tipo de escola. Isso já indica que a educação climática não está suficientemente incorporada nos currículos escolares, o que é uma preocupação considerável, dado o imperativo atual de conscientização e ação climática.

Focando na distribuição por idade, entre os jovens adultos (21-25 e 26-30 anos) que frequentaram escolas privadas por exemplo, o gráfico mostra que a maioria não participou de aulas sobre mudanças climáticas, o que pode indicar que há uma implementação inconsistente destes temas importantes também no sistema educacional privado. Já em relação aos ativistas na faixa etária de 18-20 anos que frequentaram escola privada e mista (pública e privada), apesar do menor número amostral nesta faixa, observamos que eles tiveram em maior proporção aulas sobre mudanças climáticas, comparado a outras faixas etárias. Isso pode sugerir um incremento recente na inclusão de temas ambientais nos currículos das escolas privadas, possivelmente refletindo uma resposta à demanda crescente por educação climática.

Entre o grupo de ativistas adultos (faixas etárias: 31-40, 41-50 e 51-60 anos), há uma quantidade significativa de ativistas que reportaram não ter tido acesso às aulas sobre mudanças climáticas tanto em escolas públicas quanto privadas. Os dados obtidos pela faixa etária de 31-40 anos (maior grupo amostral deste estudo) revelam que apenas cerca de 11% dos ativistas nesta faixa etária tiveram aulas de educação climática na rede pública de ensino formal.

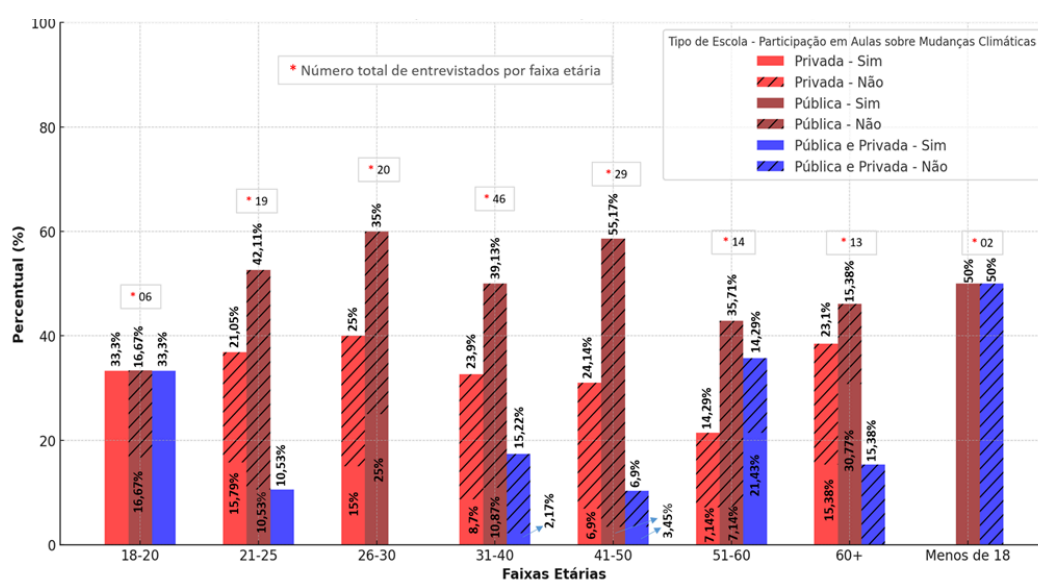
Em geral, os ativistas que frequentaram tanto escolas públicas quanto privadas parecem ter tido mais oportunidades de estudar mudanças climáticas em comparação com aqueles de escolas exclusivamente públicas, o que pode ser um reflexo da complementaridade de recursos e abordagens pedagógicas entre os dois tipos de instituições. Entretanto, como discutido anteriormente, é válido considerar que alguns destes ativistas declaram ter realizado parte de seu estudo em escola pública no exterior. Desta forma, não podemos diretamente relacionar de forma integral tais dados apenas à educação pública brasileira. De

qualquer forma, é essencial que a educação climática não dependa da capacidade de um estudante frequentar múltiplas instituições para receber uma educação adequada sobre questões ambientais críticas.

Na faixa etária de ativistas com mais de 60 anos, observa-se que 30,77% dos participantes que frequentaram escolas públicas relataram ter tido aulas sobre mudanças climáticas, enquanto 15,38% dos que frequentaram escolas privadas relataram o mesmo. Interessante notar que nenhum dos participantes com mais de 60 anos que frequentaram tanto escolas públicas quanto privadas reportou ter tido aulas sobre o tema. Isso pode sugerir que a inclusão da educação climática nos currículos escolares não era comum na época em que essa faixa etária frequentava a escola. No entanto, os dados podem refletir as tendências educacionais de décadas anteriores e possíveis diferenças na priorização de temas ambientais entre escolas públicas e privadas.

Estes dados apontam para a necessidade urgente de fortalecer a educação climática em todos os tipos de escolas e para todas as faixas etárias. Embora possa haver sinais de progresso, especialmente entre os mais jovens, é claro que ainda há um longo caminho a percorrer para garantir que todos os alunos recebam a educação necessária para compreender e agir em relação às mudanças climáticas.

Figura 9 - Relação entre a faixa etária dos ativistas respondentes com o tipo de escola frequentada (pública, privada ou ambas) e se eles tiveram aulas sobre mudanças climáticas.



Fonte: Elaboração própria.

3.7 O sonho dos ativistas para a educação climática

Sobre o **sonho para a educação climática no Brasil**, as perspectivas dos ativistas foram organizadas em dez categorias temáticas com base em suas respostas ao questionário (Quadro 1). As Abordagens Pedagógicas Inovadoras, que incluem atividades práticas e lúdicas, integração da arte e da cultura local, e metodologias participativas, não são apenas formas de tornar o aprendizado sobre o clima mais envolvente, mas também servem como pontes para a Interdisciplinaridade e Transversalidade. Esta última enfatiza a necessidade de tecer a educação climática em todas as disciplinas, revelando como as mudanças climáticas são um desafio complexo que toca todos os aspectos da vida humana.

Essa compreensão holística é ainda mais reforçada pelo Foco em Soluções e Ação Local. Longe de serem conceitos isolados, essas ideias incentivam os alunos a aplicar o conhecimento climático de maneira prática, como através de projetos de reflorestamento e compostagem, estabelecendo assim uma conexão direta entre teoria e ação. Este aspecto prático da educação climática está intrinsecamente ligado ao Conhecimento Científico e Consciência Global, pois o ensino fundamentado em dados científicos e a compreensão do impacto global das mudanças climáticas capacitam os alunos com uma base sólida para a ação informada.

A implementação da Educação Climática desde a Infância, que estimula a curiosidade e o respeito pelo meio ambiente desde cedo, é um elemento crucial para incutir uma consciência ambiental duradoura. Esta abordagem inicial prepara o terreno para uma apreciação mais profunda da Diversidade Cultural e do Conhecimento Tradicional. Ao valorizar os saberes indígenas e as perspectivas de povos tradicionais, a educação climática não apenas se enriquece com uma variedade de perspectivas, mas também ressalta a importância do conhecimento intergeracional e transcultural na compreensão e enfrentamento das mudanças climáticas.

A Interdisciplinaridade e Transversalidade são fundamentais nos novos modelos educacionais. As reformas educacionais são essenciais para incorporar a temática das mudanças climáticas nos currículos escolares de forma interdisciplinar, promovendo discussões que abrangem processos sociais mais amplos. Essa nova abordagem curricular deve incluir diversos tópicos relacionados ao clima, enfocando não apenas os aspectos científicos, mas também éticos, econômicos e ecológicos, integrando conhecimentos científicos, ambientais e tradicionais (Magno et al, 2016). Neste contexto, a educação

climática deve ser transversal e interdisciplinar, englobando o máximo de disciplinas possíveis e desenvolvendo competências para a adaptação e mitigação dos efeitos climáticos, além de fomentar a inovação e equilíbrio emocional dos alunos frente a novas situações.

A Capacitação Docente e os Recursos Didáticos são fundamentais para sustentar esse sistema educacional interconectado. A formação continuada dos professores e o desenvolvimento de materiais didáticos adaptados garantem que os educadores estejam preparados para guiar os alunos através deste campo complexo e dinâmico. O Uso de Tecnologia e Mídias complementa esta abordagem, utilizando as ferramentas digitais modernas para expandir o alcance e a eficácia da educação climática, tornando-a mais acessível e atraente para uma geração conectada.

Além disso, os Ambientes de Aprendizagem Externos, como aulas de campo e hortas escolares, oferecem uma experiência prática inestimável, consolidando o conhecimento adquirido em sala de aula em um contexto real. Estes ambientes promovem uma aprendizagem experiencial que é vital para compreender a complexidade das questões climáticas. E, finalmente, a Educação para a Cidadania e Participação Social fecha o círculo, enfatizando a necessidade de os alunos não apenas aprenderem sobre as mudanças climáticas, mas também se envolverem ativamente em soluções e debates políticos. Este aspecto da educação climática é essencial para preparar os jovens para serem cidadãos conscientes e participativos, prontos para enfrentar os desafios climáticos de nosso tempo.

Em resumo, a visão para a educação climática, conforme expressa nas respostas, é de um sistema educacional integrado e dinâmico, que combina conhecimento científico, consciência prática, e engajamento cívico. Cada área temática não só se sustenta por si mesma, mas também se entrelaça com as outras, criando um tecido educacional robusto e abrangente, essencial para preparar as futuras gerações para os desafios e oportunidades da era climática.

Quadro 1 - Sonho dos ativistas para a educação climática no Brasil.

ÁREA TEMÁTICA	CARACTERÍSTICAS DAS RESPOSTAS
	<ul style="list-style-type: none"><li data-bbox="858 1917 1337 1975">• Uso de atividades práticas e lúdicas como mecanismo de ensino.<li data-bbox="858 1980 1372 2007">• Integração da arte e da cultura local no

Abordagens Pedagógicas Inovadoras	<p>ensino da educação climática.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Metodologias participativas e experiências imersivas. • Aulas dinâmicas que incluam jogos educativos, simulações e projetos práticos.
Interdisciplinaridade e Transversalidade	<ul style="list-style-type: none"> • Incorporação da educação climática em todas as disciplinas. • Desenvolvimento de competências críticas e analíticas sobre a crise climática. • Ensino da relação entre mudanças climáticas e desigualdades sociais.
Foco em Soluções e Ação Local	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação de soluções existentes e incentivo à inovação sustentável. • Projetos de reflorestamento, despoluição e compostagem como parte do currículo. • Incentivo ao engajamento comunitário e à ação coletiva.
Conhecimento Científico e Consciência Global	<ul style="list-style-type: none"> • Ensino fundamentado em dados científicos atualizados. • Discussão sobre o impacto global das mudanças climáticas e a importância da biodiversidade. • Reconhecimento do papel destrutivo das corporações e governos nas questões ambientais.
Educação desde a Infância	<ul style="list-style-type: none"> • Implementação da educação climática desde a educação infantil. • Aulas que estimulem a curiosidade e o respeito pelo meio ambiente desde cedo.
Diversidade Cultural e Conhecimento Tradicional	<ul style="list-style-type: none"> • Valorização dos saberes indígenas e de povos tradicionais na educação climática. • Inclusão de perspectivas do Sul Global e das culturas não ocidentais.
Capacitação Docente e Recursos Didáticos	<ul style="list-style-type: none"> • Formação continuada de professores em educação climática. • Desenvolvimento e disponibilização de materiais didáticos adaptados e inovadores.

Uso de Tecnologia e Mídias	<ul style="list-style-type: none"> • Aplicação de tecnologias digitais e mídias sociais para engajar e educar. • Produção de conteúdo digital como ferramenta educativa.
Ambientes de Aprendizagem Externos	<ul style="list-style-type: none"> • Realização de aulas de campo, visitas técnicas e excursões educativas. • Criação de hortas escolares, laboratórios de ciências e espaços verdes como recursos didáticos.
Educação para a Cidadania e Participação Social	<ul style="list-style-type: none"> • Fomento à consciência crítica sobre questões climáticas e sociais. • Estímulo à participação dos estudantes em debates, decisões políticas.

Fonte: Elaboração própria.

3.8 O sonho dos ativistas climáticos para o mundo

Quando os entrevistados foram questionados sobre seu **sonho para o mundo**, as respostas se agruparam em dez áreas temáticas (Quadro 2), refletindo um espectro amplo de aspirações. No centro dessa visão multifacetada está a sustentabilidade e a preservação ambiental, revelando um desejo coletivo intenso por um desenvolvimento que respeite o meio ambiente. Esta aspiração abrange desde a promoção de uma economia verde até ações mais tangíveis como a redução de poluição e práticas de reflorestamento, demonstrando um reconhecimento crescente da necessidade de alinhar as atividades humanas com os princípios ecológicos, algo que segue para a construção de cidades sustentáveis e a adoção de uma agricultura mais regenerativa.

Essa ênfase na sustentabilidade ambiental se conecta intimamente com a busca por justiça social e igualdade. Essas áreas emergem como fundamentais para a visão de um futuro mais justo, onde a igualdade de oportunidades e direitos sejam uma realidade para todos. A redução da desigualdade social e econômica e o combate a todas as formas de discriminação são vistos como cruciais para criar uma sociedade mais equânime, onde o respeito pelo meio ambiente anda de mãos dadas com o respeito entre as pessoas.

Nesse mesmo tecido de sonhos, a paz e a segurança são percebidas como essenciais. O anseio por um mundo sem guerras e conflitos territoriais reflete um desejo de estabilidade e segurança, que são fundamentais para o bem-estar global. Este desejo de paz está

intrinsecamente ligado à ideia de ambientes urbanos seguros e inclusivos, enfatizando como a segurança das pessoas está interligada com a saúde do planeta.

A integração com a natureza surge como um reflexo desse desejo de harmonia, tanto entre os seres humanos quanto com o ambiente. O respeito e a valorização dos biomas e dos povos originários, assim como a integração das cidades e comunidades com o ambiente natural, são passos vistos como essenciais para alcançar esse equilíbrio.

Paralelamente, há um clamor por uma mudança de paradigma econômico e político. Críticas ao capitalismo atual e a busca por alternativas econômicas sustentáveis, juntamente com a demanda por uma governança global e local focada no bem-estar comum, ressaltam o desejo de reformular as estruturas de poder e riqueza. Esta mudança de paradigma é vista como fundamental para enfrentar efetivamente as questões climáticas e promover uma verdadeira sustentabilidade.

Nesse contexto, a educação para a sustentabilidade é reconhecida como um pilar crucial, com um foco na educação ambiental e climática em todos os níveis de ensino. A valorização do conhecimento tradicional e científico é considerada essencial para a promoção de um desenvolvimento sustentável, conectando gerações e culturas na busca por soluções para os desafios ambientais.

Os direitos e o bem-estar dos animais também são destacados, sinalizando um reconhecimento da importância de proteger todas as formas de vida. Este respeito por seres humanos e não humanos é uma extensão natural da ética que permeia toda a visão apresentada, onde o cuidado e a proteção são valores universais.

A solidariedade e a cooperação aparecem como fundamentais nessa visão, com um apelo forte ao fortalecimento dos laços globais e locais e à promoção de economias colaborativas e circulares. Essa abordagem baseada na partilha e no apoio mútuo é vista como chave para construir comunidades mais resilientes e sustentáveis.

Além disso, a inovação para a sustentabilidade é enfatizada, mostrando um interesse particular em tecnologias limpas e renováveis e em soluções criativas para problemas ambientais e sociais. Essa busca por inovação é crucial para superar os desafios atuais e traçar um caminho viável para o futuro.

Por fim, a qualidade de vida e o bem-estar são considerados aspectos essenciais, com um foco na promoção da saúde física e mental e no acesso à cultura, lazer e espaços verdes. Isso reflete uma compreensão de que uma vida digna e plena para todos é o alicerce para um mundo onde os sonhos de sustentabilidade, justiça e harmonia podem se tornar realidade.

As respostas dos entrevistados desenham um cenário onde cada tema se entrelaça com o outro, formando um mosaico de aspirações que refletem uma profunda conexão entre sustentabilidade ambiental, justiça social, paz, integração com a natureza, mudança de paradigma, educação, respeito por todas as formas de vida, solidariedade, inovação e bem-estar. É uma visão holística que reconhece a interdependência de todos esses elementos na construção de um futuro mais promissor para o mundo.

Quadro 2 - Sonho dos ativistas para o mundo.

ÁREA TEMÁTICA	CARACTERÍSTICAS COM BASE NAS REPOSTAS
Sustentabilidade e Preservação Ambiental	<ul style="list-style-type: none"> ● Desenvolvimento sustentável que respeita o meio ambiente. ● Produção ecológica e economia verde. ● Redução de poluição e consumo consciente. ● Preservação da biodiversidade e reflorestamento. ● Cidades sustentáveis e agricultura regenerativa.
Justiça Social e Igualdade	<ul style="list-style-type: none"> ● Igualdade de oportunidades e direitos ● Redução da desigualdade social e econômica. ● Acesso universal à saúde, educação, moradia digna, e alimentação. ● Combate ao racismo, sexismo, e outras formas de discriminação.
Paz e Segurança	<ul style="list-style-type: none"> ● Um mundo sem guerras e conflitos territoriais. ● Segurança física e alimentar para todos. ● Ambientes urbanos seguros e inclusivos.
Integração com a Natureza	<ul style="list-style-type: none"> ● Harmonia entre seres humanos e natureza. ● Respeito e valorização dos biomas e povos originários. ● Cidades e comunidades integradas com o ambiente natural.

Mudança de Paradigma Econômico e Político	<ul style="list-style-type: none"> ● Crítica ao capitalismo e busca por alternativas econômicas sustentáveis. ● Governança global e local focada no bem-estar comum. ● Políticas públicas para mitigação e adaptação climática.
Educação para Sustentabilidade	<ul style="list-style-type: none"> ● Educação ambiental e climática em todos os níveis. ● Valorização do conhecimento tradicional e científico para a sustentabilidade.
Direitos e Bem-Estar dos Animais	<ul style="list-style-type: none"> ● Respeito e proteção a todas as formas de vida. ● Promoção de uma ética que abrange seres humanos e não humanos.
Solidariedade e Cooperação	<ul style="list-style-type: none"> ● Fortalecimento da solidariedade global e local. ● Economia colaborativa e circular. ● Comunidades baseadas na partilha e no apoio mútuo.
Inovação para a Sustentabilidade	<ul style="list-style-type: none"> ● Tecnologias limpas e renováveis. ● Sistemas descentralizados para maior acessibilidade em áreas não urbanas. ● Tecnologias de baixo custo e de fácil gerenciamento pelas comunidades. ● Soluções inovadoras para problemas ambientais e sociais.
Qualidade de Vida e Bem-Estar	<ul style="list-style-type: none"> ● Acesso a cultura, lazer, e espaços verdes. ● Promoção da saúde física e mental. ● Vida digna e plena para todos.

Fonte: Elaboração Própria.

4. Considerações finais

O presente relatório destaca a importância e a urgência do ativismo climático no Brasil. A análise das respostas (de caráter quantitativo e qualitativo) destaca a diversidade etária, regional, cultural e social de perfis dos ativistas brasileiros. Consequentemente, as motivações e formas de atuação destes refletem um movimento plural na busca por soluções sustentáveis e justas para a crise climática. As aspirações dos ativistas por um mundo sustentável, justo e pacífico ressaltaram a conexão entre a justiça social e a sustentabilidade ambiental.

Os dados apresentados reiteram também a necessidade de abordagens inovadoras e interdisciplinares na educação e no ativismo climático. Com base nas informações obtidas nesta pesquisa, é possível identificar áreas que podem necessitar de maior atenção ou ação estratégica. Entre elas, destacamos: (i) O comprometimento com a Justiça Climática e a percepção dos impactos das mudanças climáticas a partir de aspectos como consumismo, cultura, economia, qualidade de vida e equilíbrio planetário, e segurança internacional - os dados revelaram que a percepção sobre a justiça climática e o impacto das mudanças climáticas sobre alguns aspectos sociais, culturais e econômicos pode não ser tão predominante quanto esperado. Isso sugere a necessidade de estratégias que ampliem a conscientização sobre como as questões climáticas estão intrinsecamente ligadas à justiça social e à urgência de ações imediatas, e (ii) Participação em Aulas sobre Mudanças Climáticas - observou-se que a maioria dos ativistas climáticos (69,1%) não tiveram aulas relacionadas ao tema. Isso destaca uma lacuna significativa na educação climática dentro dos currículos escolares brasileiros. Neste contexto, é preciso urgentemente a inserção da educação climática de forma transversal nas escolas, tanto públicas quanto privadas, garantindo que todos os estudantes tenham acesso a uma educação crítica sobre o clima e seus atuais desafios.

Os aspectos avaliados nesta pesquisa refletem diferentes desafios para lidar, mas também nos sinalizam oportunidades para ampliar o impacto do ativismo climático e da educação climática no Brasil. Ao abordar essas lacunas, é possível fortalecer a resiliência dos atuais e futuros ativistas, promover a justiça ambiental e acelerar a transição para uma sociedade mais consciente e engajada ativamente sobre as mudanças climáticas.

5. Referências Bibliográficas

Anderson, A. (2012). Climate Change Education for Mitigation and Adaptation. **Journal of Education for Sustainable Development**, 6(2), 191-206. DOI: 10.1177/0973408212475199.

Artaxo, Paulo. (2022). Mudanças climáticas: caminhos para o Brasil: a construção de uma sociedade minimamente sustentável requer esforços da sociedade com colaboração entre a ciência e os formuladores de políticas públicas. **Ciência e Cultura**, 74(4), 01-14. DOI: 10.5935/2317-6660.20220067

Barros H. C. e Pinheiro, J.Q. (2021). Reflexões sobre a comunicação das mudanças climáticas e o cuidado ambiental: a visão de professores no contexto escolar. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 37, e78098. DOI: 10.1590/0104-4060.78098.

Knott, E., *et. al* (2022). Interviews in the social sciences. **Nature Rev Methods Primers** 2, 73. DOI: 10.1038/s43586-022-00150-6.

Magno *et. al* (2016). A Educação em Mudanças Climáticas: Uma Abordagem Interdisciplinar. **HOLOS**, 32, Vol. 4. DOI: 10.15628/holos.2016.3950

Malecha, A., Vale, M., Manes, S. (2023). Increasing Brazilian protected areas network is vital in a changing climate. **Biological Conservation**, Vol. 288, 110360. DOI: 10.1016/j.biocon.2023.110360

Orlandini, Rômulo (2012). Movimentos ambientais no Brasil são marcados por profissionalização e redes de cooperação. **ComCiência**, n. 136.

UNFCCC (1992). United Nations Framework Convention on Climate Change. **United Nations Framework Convention on Climate Change**. unfccc.int/resource/docs/convkp/conveng.pdf. Acesso em: 10/02/2024.

Zeppo, L. V., & Coltri, P. P. (2022). Educação em Mudanças Climáticas no contexto brasileiro: uma revisão integrada. **Terræ Didática**, 18 (Publ. Contínua), 1-12, e022039. DOI: 10.20396/td.v18i00.8671305.

6. Sobre o The Climate Reality Project Brasil

The Climate Reality Project é uma organização global fundada em 2006 pelo ex-vice-presidente dos EUA e Nobel da Paz Al Gore. Tem como missão catalisar uma solução global para a crise climática, tornando a ação urgente uma necessidade em todos os setores da sociedade. Por isso recruta, treina e mobiliza pessoas para se tornarem ativistas poderosos, providenciando as habilidades, campanhas e recursos para demandar ações climáticas ambiciosas e políticas de alto nível que aceleram uma justa transição para uma economia de baixo carbono.

A rede internacional do The Climate Reality Project é formada por mais de 45 mil Líderes da Realidade Climática em mais de 190 países, representada em 12 filiais fora dos EUA - África, Austrália e Pacífico, Brasil, Canadá, China, Europa, Índia e Sul da Ásia, Indonésia, Japão, América Latina e Filipinas.

No Brasil, a filial é representada pelo Centro Brasil no Clima e possui uma rede de mais de 3.900 Líderes da Realidade Climática. Os pilares da filial brasileira são: Educação Climática, Justiça Climática, Transição Energética Justa e Juventude.